

■ Deslocamentos diaspóricos e identidades transnacionais em *Desirable Daughters* e *The Tree Bride*, de Bharati Mukherjee

CLEUSA SALVINA RAMOS MAURÍCIO BARBOSA

Professora de língua portuguesa e literatura brasileira e portuguesa e língua inglesa no CEFET-AL, mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (Fale/Ufal), com a dissertação "O Caráter Utópico da Busca Identitária em Duas Autoras Contemporâneas: Lya Luft e Bharati Mukherjee", e doutoranda também do PPGLL, desenvolvendo pesquisa sobre diásporas transnacionais, estudos de utopia e crítica feminista.

MUKHERJEE, Bharati. *Desirable Daughters*. Nova Iorque: Hyperion, 2002, 310 páginas, custa em torno de 73 reais, e já pode ser encontrado em algumas livrarias nacionais.

MUKHERJEE, Bharati. *The Tree Bride*. New York: Hyperion, 2004, 293 páginas, tem o valor aproximado de 71 reais. Vale uma dica: as edições acima citadas são as primeiras e por isso têm o custo maior, mas algumas edições posteriores custam menos da metade do preço. Vale a pena conferir!

O cenário da literatura contemporânea tem sido transformado pela crescente influência da globalização. Atualmente, os textos que cruzam as fronteiras das nações e das culturas são, em grande parte, de autores/as considerados/as emergentes e que expressam uma miríade de vozes daqueles/as que, certa vez, foram considerados/as 'subalternos/as'. No topo desta nova onda e influência literária, podemos encontrar autoras sul-asiáticas, em especial, indianas, que começaram a se destacar no mundo literário. Em particular, ressaltamos a produção da escritora Bharati Mukherjee que tem se destacado por tratar, em seus romances, da literatura da diáspora.

Bharati Mukherjee "diferentemente da maioria de suas colegas escritoras de ascendência asiática, é ao mesmo tempo imigrante e cosmopolita global."¹ Ela se define como uma escritora americana de origem indiana e demarca sua escrita sob a ótica da tradição da experiência do imigrante, ao invés do enfoque na nostalgia e no expatriamento.

Mukherjee nasceu em 1940, em Calcutá, Índia. Ela morou em Londres enquanto menina, retornando à Índia aos onze anos de idade, onde frequentou, no início da fase adulta, as Universidades de Calcutá e Baroda. Após ganhar uma bolsa de estudos para a Universidade de Iowa, na oficina de escritores, ela mudou-se para os Estados Unidos e conheceu e casou-se com o romancista canadense Clark Blaise, em 1963. A princípio, os dois viveram em Montreal, onde Mukherjee juntou-se ao corpo docente da Universidade McGill até 1973, quando ela e o marido viajaram para a Índia. Eles mantiveram diários de viagens

¹ GUEDES, Peonia V. Uma Leitura Pós-Colonial da Pós-Modernidade: "História de uma Esposa", de Bharati Mukherjee. In: *Mulheres e Literatura*. Anais. Rio de Janeiro: NIELM, 1998, p. 3.

separados, os quais foram publicados em 1977 como *Days and Nights in Calcutta*.

O primeiro romance de Bharati Mukherjee, intitulado *The Tiger's Daughter* (1972), lida com o desapontamento sentido por uma expatriada em seu retorno à Índia. Seu segundo romance, *Wife* (1975), conta a história de uma mulher psicologicamente maltratada que mata seu marido. A autora recebeu o prêmio nacional dos críticos (The National Book Critics Circle Award) por seu *The Middleman and Other Stories* (1988). Escreveu sua primeira trilogia com os romances *Jasmine* (1989), *The Holder of the World* (1993) e *Leave it to me* (1997). E, atualmente, compõe sua segunda trilogia, ainda incompleta com *Desirable Daughters* (2002) e *The Tree Bride* (2004).

Em comentário no Des Moines Register de outubro de 1994, ela diz considerar-se uma escritora pós-colonial, e não multicultural. Ela prossegue afirmando que o “multiculturalismo enfatiza as diferenças entre as heranças raciais, o que tanto tem frequentemente levado à desumanização do diferente. E a desumanização leva à discriminação que, em última instância, pode levar ao genocídio”. [Multiculturalism emphasises the differences between racial heritages. This emphasis on the differences has too often led to the dehumanization of the different. And dehumanization leads to discrimination. And discrimination can ultimately lead to genocide.]²

Mukherjee está completamente desinteressada na preservação das culturas, na santificação da tradição, nas obrigações com o passado; pelo menos ela não está interessada nos aspectos nostálgicos de tal preservação.

A natureza da identidade indiana é significativa para aqueles que vivem na Índia. Mas, também é importante para a ampla diáspora indiana mundial. Os indianos não vêem contradição alguma entre serem cidadãos leais ao país no qual se estabeleceram e onde estão social e politicamente integrados, e ainda conservarem um sentido de filiação e companheirismo com a Índia e seus/suas compatriotas. Como é frequentemente o caso com

³ Todas as traduções para o português são de minha autoria.

emigrantes, em geral, a diáspora indiana também apresenta um sentimento de orgulho, respeito próprio e dignidade pela cultura e tradições de sua terra natal.

Assim como o sentimento desenvolvido pelos emigrantes, em seus movimentos diaspóricos, as personagens femininas criadas por Bharati Mukherjee são capazes de viver num mundo no qual o indivíduo existe não apenas como um ser unificado, mas também como um sujeito múltiplo, unido à fronteira alguma, e com possibilidades infinitas de construções identitárias. Em sua trilogia ainda não concluída, Mukherjee apresenta o processo identitário como sendo contínuo, em eterna transformação e nunca plenamente completo. Tara, a protagonista, nascida e criada em Calcutá, se muda para São Francisco, aos dezenove anos, para um casamento arranjado por seus pais com um jovem indiano que estuda na Universidade de Stanford. Ao invés de haver um conflito cultural, Tara abraça imediatamente a cultura norte-americana (estadunidense), aproveitando as oportunidades oferecidas a ela e assimilando ao máximo a sociedade ao seu redor.

Tara se vê através de lentes em eterna mudança cultural. Tal percepção implica na escolha entre a aceitação ou rejeição de determinados aspectos da cultura indiana e estadunidense. Enquanto continua a desenvolver novas facetas identitárias, ela percebe que nunca será simplesmente norte-americana ou indiana, mas reconhecese dispersa entre essas categorias de identidade.

Tara é a narradora: ela escreve a história de sua família e de si própria. Enquanto ocorre um desdobramento desse processo, ela adquire a percepção da criação de sua própria consciência como construto cultural. Ao documentar a história de sua família, Tara registra a criação de sua identidade, a influência de fatos do passado e da cultura na construção da consciência de seu presente. “Eu tive o tempo, a motivação, e mesmo a paixão para empreender esta história. Quando meus amigos, meu filho, ou minhas irmãs me perguntam por que, eu digo que estou

explorando a construção de uma consciência” [I have had the time, the motivation, and even the passion to undertake this history. When my friends, my child, or my sisters ask me why, I say I am exploring the making of a consciousness.] (*Desirable Daughters*, p. 5).

Tara começa sua narrativa com a história de sua ancestral, que é também seu homônimo – Tara Lata, igualmente conhecida como a “noiva da árvore”. Esta introdução é ambientada na Índia, em 1879, de acordo com o calendário britânico, ou no ano de 1285, para o calendário hindu, ou ainda 1297 para o muçulmano. É a crônica de um casamento arranjado de uma noiva-criança, de apenas cinco anos de idade, que é rejeitada pela família do noivo, quando o jovem é picado por uma cobra antes da cerimônia do casamento. A breve narrativa dessa história serve para localizar o/a leitor/a no passado, arraigado nas raízes da história familiar de Tara.

O termo “a noiva da árvore” (*The Tree Bride*) pode ser melhor entendido mediante a compreensão da importância dos rituais do casamento face à tradição hindu. Tradicionalmente, o casamento hindu pode durar até cinco dias, e inclui cerimônias pré - e pós-casamento. Existem diversos rituais de boas-vindas entre as famílias e de pedidos de proteção divina. A cerimônia do casamento em si começa com a recepção do noivo pela família da noiva. A mãe da noiva marca a testa do noivo com um pó vermelho, que a religião hindu também associa à boa sorte matrimonial. Noiva e noivo são levados a uma tenda, onde acontece o casamento. O pai da noiva a entrega ao noivo, dando as mãos a ele, significando seu consentimento. As mãos da noiva são amarradas às do noivo, e as pontas de suas roupas também são amarradas, simbolizando os laços matrimoniais. O casal deverá dar sete voltas em torno de uma fogueira acesa no centro do local da cerimônia, enquanto fazem o juramento de amar e cuidar um do outro. Quando as voltas são completadas, os noivos estão casados. As duas famílias, ainda se reúnem em outras

brincadeiras tradicionais evocando saúde, riquezas e fertilidade para o novo casal.

Quanto à ancestral da protagonista, Tara Lata Gangooly, que tem sua cerimônia de casamento interrompida quando a vida do jovem noivo é ceifada. Torna-se uma noiva incomum – após a rejeição pela família do noivo, tem seu destino selado. O pai de Tara, Jai Krishna Gangooly, realiza o casamento de Tara com uma árvore sagrada a fim de evitar o sofrimento e exclusão da filha – como viúva, mulher não-casada (relacionado à maldição), ou ainda, alguém a ser evitada por trazer infortúnio e morte à sua família.

Num movimento estilístico, típico da narrativa de Bharati Mukherjee, o/a leitor/a é subitamente trazido/a ao presente, na Califórnia. Ocorre um salto temporal e espacial destoante que sugere um padrão não-ortodoxo de tempo e espaço que permeará a narrativa. A estrutura da história de Tara se movimenta do passado para o presente, de tal maneira que por vezes causa dificuldade em distinguir o que aconteceu e o que está acontecendo. É a partir dessa perspectiva caótica que a protagonista descreve sua história e há o desvelamento de suas múltiplas identidades.

A personagem principal de sua trilogia, Tara Chatterjee, lança um olhar retrospectivo, ao revisitar o passado de sua família, ao mesmo tempo em que vislumbra o futuro. Tara busca harmonizar-se com sua história e seu legado. Ela transita entre os dois mundos nos quais ela se desloca: a Índia e os Estados Unidos, o passado e o futuro. Ela desliza entre as identidades estadunidense e indiana. Tara Chatterjee coleta informações acerca de sua ancestral – “a noiva da árvore”, Tara Lata. A protagonista tenta se reconciliar com parte de seu passado, de herança indiana, e sua vida enquanto norte-americana assimilada.

Podemos estabelecer uma relação entre Tara Chatterjee e Jasmine, a protagonista do romance homônimo de Mukherjee, que passa por diversas transformações que vão desde a menina do vilarejo

tradicional, na Índia, até a ‘moderna’ dona-de-casa e mulher do banqueiro Bud, em Iowa. Ambas oscilam entre suas identidades. Essas mulheres possuem um caráter camaleônico, sendo capazes de se reinventarem a partir dos enfrentamentos que vivenciam em seus deslocamentos transnacionais e intercontinentais.

Dessa maneira podemos compreender o conceito de “renascimento”, atribuído pela autora aos imigrantes que, ao assumirem riscos a fim de se integrarem ao novo lugar ao qual chegaram, têm sua cidadania modificada, se reinventam – estes ela chama de “renascidos”. Bharati Mukherjee se distancia da veneração da tradição. Observa-se isso em suas narrativas que envolvem a violência acompanhada da revisão intercultural e da mudança pessoal. Uma de suas mais famosas heroínas, Jasmine diz: “não há maneiras inofensivas, compassivas de nos refazeremos. Nós matamos quem fomos para que possamos renascer nas imagens de nossos sonhos” [There are no harmless, compassionate ways to remake oneself. We murder who we were so we can rebirth ourselves in the images of dreams.] (*Jasmine*, New York: Grove Press, 1989, p. 29).

Podemos dizer que a identidade, dentro das narrativas dos romances *Desirable Daughters* e *The Tree Bride*, é maleável e incerta. Mukherjee desconstrói a noção do ser unificado e concreto ao sugerir que as diversas categorias que usamos para construir a identidade são elas próprias indeterminadas. Os métodos da formação da identidade e da criação da consciência pelas mulheres sul-asiáticas, entendamos indianas, em processos diaspóricos continuam a se desenvolver, e enquanto o desenvolvimento da identidade domina o processo de assimilação, as complexidades emergirão nas futuras gerações diaspóricas que produzirão novos meios e mecanismos que irão redefinir o significado da(s) identidade(s) da mulher sul-asiática, em particular, indiana, numa perspectiva global.

Ambos os romances apresentam seus enredos brilhantemente entrelaçados: a história de três irmãs

brâmanes, pertencentes à alta classe, nascidas em Calcutá, e conhecidas por sua beleza, extrema astúcia e privilegiada posição social. As três mulheres têm nomes de deusas hindus: Parvati, Padma e Tara. Podemos configurar as narrativas como um retrato bastante expressivo de uma família com traços ancestrais significativos, que tenta ao mesmo tempo manter as tradições, harmonizando-as ao mundo contemporâneo.

As narrativas tecem suas tramas dentro e fora de espaços geográficos e temporais. Há um convite à leitura, um mergulho num universo em que as fronteiras se desfazem em prol do favorecimento de construções maleáveis, que caracterizam o sujeito multifacetado e atemporal. Podemos dizer que Mukherjee constrói um retrato sem retoques da trajetória percorrida por essas três mulheres, em dois continentes, numa jornada perigosa entre dois mundos: o velho e o novo, o mundo das tradições e o mundo das inovações tecnológicas. O resultado dessa busca merece ser desvendado.